ANO XII / ABRIL DE 1954 / N.º 114



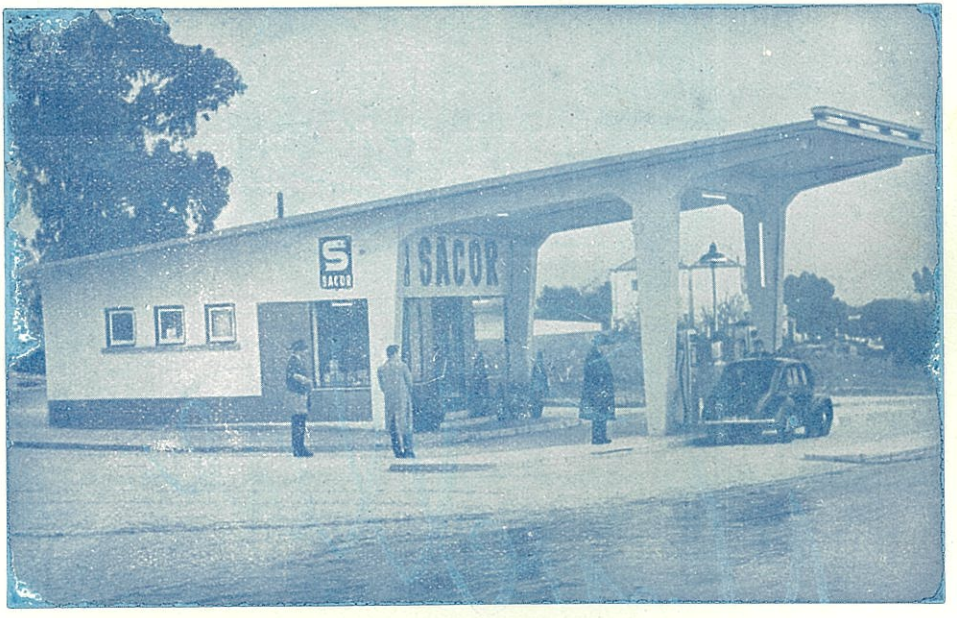
Novellae

OLIVARUM

SACOR

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

Um esforço diário de
800
Portugueses



S A C O R

EM LISBOA E EM TODO PAÍS

E. PINTO BASTO & C.ª, L.da

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
SEGUROS **CARVÃO**
(REPRESENTAÇÕES INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC..

NO PORTO

KENDAL, PINTO BASTO & C.ª, L.da

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

Tecidos pretos



Praça dos Restauradores, 13-3.º — Tel. 30876 — LISBOA
(Tem elevador)

Apresenta a maior existência de lanifícios pretos para o **clero, seminaristas** e **ordens religiosas.**
Peça amostras ou visite o nosso estabelecimento para melhor escolha. Concedemos facilidades de pagamento

N. B **Não fazemos descontos mas vendemos aos melhores preços**



FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — ANTÓNIO JORGE MARTINS
Redactores — ANTÓNIO BAPTISTA DOS SANTOS
— LERENO SEBASTIÃO DIAS
Proprietário e editor — CARLOS LEONEL PEREIRA DOS SANTOS
Administrador — MANUEL GOMES SOARES

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) ... ... 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — BEJA — Telef. 268

SUMÁRIO

O Mistério da Cruz — P. José Ferreira 96
O Rearmamento Moral — João Salvado 103
Das Trevas à Luz — Alberto Teixeira Dias 106
Os Nossos Pobres — F. Graça 111
Poderá o Cinema traduzir realidades espirituais? (II) — José Vieira Marques 113
Pela Imprensa Estrangeira 118
Literatura de Romances — João Canilho 122
Crónica — F. Melro 124

IMAGENS - MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS
E
TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Fundada em 1866

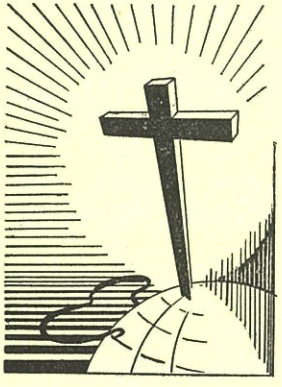
Sousa Tavares L.da

220, RUA AUGUSTA, 222 Telef. 2 7757

LISBOA



O MISTÉRIO DA CRUZ



No rodar do ano, aproximamo-nos, mais uma vez, da celebração do mistério da Redenção. De novo a Cruz se vai levantar no Calvário, para vitória — aparente — da Morte; de novo, o sepulcro de Jesus ficará vazio, para triunfo — real — da Vida; e de novo a Igreja e cada homem cristão e todos os homens são chamados a ver, a meditar, a abismar-se na contemplação destes mistérios do Homem-Deus e — coisa nova da religião de Jesus — a participar activamente desses mistérios, que a celebração litúrgica torna presentes. Coisa nova, porque, na celebração que a Igreja fez da divina liturgia, no meio da assembleia dos cristãos, para os que não forem simples curiosos espectadores ou inconscientes devotos rotineiros, o mistério de Jesus se renova vivo, activo, santificante, dispensando aos homens a vida de Deus, num encontro autêntico do mundo terreno e do celeste.

«Conquanto não haja tempo, diz S. Leão Magno, que não seja cheio de graças divinas e sempre nos seja facilitado acesso à misericórdia de Deus, por Sua mesma graça, todavia, agora, com maior ardor e confiança

nos devemos todos animar nos caminhos do espírito, agora que a tanto nos convida o dia aniversário da nossa redenção». (1)

Com estas palavras do grande Pontífice do século V, prègou a Santa Igreja o início da Quaresma. Já passaram quatro semanas na escalada da montanha santa: ascese, subida, trabalho de aperfeiçoameto do homem antes de se encontrar com o Senhor na glória pascal da Ressurreição. «Para com tão grandes mistérios se devia ter devoção e respeito de todos os momentos. Digno era que permanecêssemos sempre na presença de Deus tais como é justo que nos encontremos na própria festa pascal», (2) diz o mesmo santo doutor. E eis que se aproximam os santos dias pascais.

Entramos no *Tempo da Paixão.*

A Quaresma continua; estamos ainda no deserto, com Cristo, na oração e na penitência. Mas o Tempo da Paixão introduz no tom quaresmal um *motivo novo.* O Senhor Deus, o Filho de Deus incarnado, «o novo Adão», (3) vai realizar a sua grande Acção. O *Salvador* veio para *salvar.* O *Redentor* veio para *redimir.* E «venit hora: chegou a hora». (4) O Tempo da Paixão é o tempo de Jesus, da obra de Jesus; é o Tempo da Redenção.

Deste modo, com o aparecimento do «Homem dos dores», (5) a Igreja responde à penitência e à dor de seus filhos com a dor e a mortificação de Jesus. Quando o homem se penitencia por amor de Deus, Deus depressa se lhe faz encontrado a encorajá-lo e caminhando à sua frente para o Calvário.

*
* *

Fulget Crucis mysterium! (6) — brilha no seu fulgor o mistério da Cruz! Que mistério é este? A Cruz é o *testemunho* do Amor de Deus pelos homens. Ali se consumam os «trabalhos de Jesus», para fazer

---

(1) S. Leão Magno, Brev. Rom. I Dcm. Quaresma.
(2) Ibidem.
(3) I Cor. XV, 45.
(4) S. João, XII, 23.
(5) Is. LIII, 3.
(6) Hino «Vexilla Regis».

dos homens participantes da vida e da felicidade de Deus. «Consumatum est»! (1) «In finem dilexit»! (2) Amou até ao fim!

A Cruz é também o *testemunho* da loucura dos homens, da sua ingratidão, do seu egoísmo, e do seu orgulho, numa palavra, do seu pecado. Ali termina a caminhada de Adão e Eva e de todos os seus filhos, maculados desde a origem, fugitivos do «paraíso das delícias», (3) para castigo e penitência de sua maldade.

Mas a Cruz é mais que simples testemunho; é *balança* de Justiça, onde o Sangue do Cordeiro de Deus foi achado de mais peso e valor do que todos os pecados dos homens; é *altar* onde o pecado se castiga e se redime, onde o Homem morre e, na Sua morte, oferece a Deus sacrifício de satisfação infinita; é *trono* onde o Rei da Vida vive e reina, sofrendo a morte. Diante da Cruz, a quem olhar para ela atentamente, misturam-se num turbilhão todos estes pensamentos de humilhações e grandezas, de pecado e de graça, de fracasso e de vitória, de morte e de vida!!

Misturam-se mas não se confundem.

Na verdade, a Paixão é, antes de mais, um *castigo,* decretado desde longa data, desde o paraíso. Deus disse a Adão: «Na hora em que desobedeceres à minha vontade, morrerás de morte». (4) De Adão até Cristo a morte imperou sobre a terra. Adão ouviu a sentença para toda a sua descendência: «morrerás de morte». Cristo Senhor nosso, novo Adão, novo Chefe de humanidade, apresenta-se diante do Pai como responsável por todos os de Sua raça. Ele é inocente, «Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro», (5) como Deus é o Pai que O gera nos esplendores de glória. Mas, feito homem, «em tudo igual a seus irmãos», (6) para os reconciliar com o Pai, toma sobre si a responsabilidade de todos os homens. Deus como que desaparece debaixo da montanha incomensurável dos delitos humanos. «Aquele que não tinha pecado, Deus O fez pecado por nós, para que nos tornássemos nEle justiça de Deus». (7) A Seus ouvidos chega, portanto, a sentença original:

---

(1) S. João, XIX, 30.
(2) S. João, XIII, 2.
(3) Gen. II, 8.
(4) Cfr. Gen. II, 17.
(5) Credo da Missa.
(6) Hebr. II, 17.
(7) II Cor. V, 25.

«Morte morieris! Morrerás de morte!» A Paixão é este castigo do pecado do homem. Por isso, ela devia ser humilhação, sofrimento, morte.

A liturgia desta quinzena vai-nos mostrar «o Homem das dores, desprezado, humilhado, verme que não homem», (1) como o hão-de descrever os cânticos e leituras das missas estacionais, mòrmente no domingo de Ramos e na 4.ª feira santa.

A morte é arma de Satanás, é «o estipêndio do pecado». (2) Jesus quer passar como pecador. E sofre como paga a morte, que a nós era devida. Satanás triunfa, aos olhos terrenos, e só transitòriamente, dAquele que prometia aniquilar o seu reinado. Jesus assim o quis. «Esta é a vossa hora, a do reino das trevas», (3) disse aos que o vinham prender. Mas a morte de Jesus é morte do Justo, do Filho de Deus; é morte de Redenção. No Calvário, Satanás trabalhou contra si mesmo.

Mistérios dos caminhos de Deus!

*
* *

Vejamos agora o reverso da medalha. Na segunda leitura da missa de 4.ª feira maior, diz-se que Jesus «se ofereceu porque assim o quis», e, na primeira, alguém que O contempla, como após grande batalha, purpureado todo em sangue, pergunta quem é Aquele que avança tão magnífico no seu vestir, calmo e sereno, como lutador forte que se bateu em glorioso combate? — Porque assim é vermelha a tua veste, como a dos que no lagar pisaram as uvas? O herói lhe responde: Eu calquei aos pés os meus inimigos e foi o seu sangue que matizou todos os meus vestidos. (4)

A Paixão é principalmente *vitória* e *triunfo*. Mas neste, como em todos os mistérios, só a Fé nos pode introduzir. O homem terreno que tudo avalia pela superfície, que só vive daquilo que os sentidos lhe dão testemunho, olha para Cristo crucificado e, ou se escandaliza, como os judeus ou o trata de louco, como os gentios. (5)

---

(1) Cfr. Is. LIII.
(2) Rom. VI, 23.
(3) S. Luc. XXII, 53.
(4) Cfr. Is. LXIII, 1-3; 1.ª leit. 4.ª feira Santa.
(5) Cf. I Cor. I, 23.

No patíbulo dos malfeitores, Cristo não é malfeitor; é o Santo de Deus e o batalhador a favor dos homens, contra as armas inimigas do príncipe das trevas, Satan. Sobe à Cruz como a um trono real. E uma vez levantado nela, «todas as coisas serão atraídas a Si», (1) para a Seus pés prestarem a homenagem devida ao Rei do universo reconquistado.

Na epístola aos Hebreus, lida no domingo da Paixão, Jesus aparece, como nas antigas representações da crucifixão: Cristo em majestade, «Pontífice que, pelo Espírito Santo, a Si mesmo se oferece à glória de Deus». (2) A Paixão triunfante parece ser a ideia fundamental da liturgia desta quadra. O que é roxo e lúgubre é o pecado — a obra de Satan. A de Jesus, essa é conquista, vitória, Redenção.

Domingo de Ramos, início da Semana Maior, é um dia triunfal. A procissão das palmas não é apenas a evocação dum gesto das crianças judias; é o gesto da Igreja de hoje, conduzindo entre hosanas «o vencedor triunfante». (3) O termo da procissão diante da porta do templo cerrada, que ao ser tocada pela haste da Cruz se abre de par em par, é eloquente demonstração do sentido vitorioso da Cruz. A missa que se lhe segue é, de novo, nos seus cânticos e no Evangelho, a voz da vítima divina sob o peso da justiça do Pai; mas, na epístola, todos dobram o joelho diante d'Aquele que, por Sua obediência até à morte e morte de cruz, conquistou um nome que está acima de todos os nomes, *Dominus Jesus,* o Senhor Jesus. Na sexta-feira santa, pela única vez no ano, dentro do ciclo temporal, ou seja, na estrutura fundamental do seu ano litúrgico, a Igreja veste-se de negro. É que neste dia se cumpriu no Filho de Deus a sentença devida ao homem pecador. Morrerás! O negro é a cor do nosso pecado. Mas, o mistério de Vida que essa morte realiza e que a Igreja com os olhos místicos de Fé contempla, aparece glorioso na Cruz descoberta e erguida pelos ministros sagrados, que no-lA apresentam, cantando: «Eis o lenho da Cruz, onde foi suspenso o Salvador do mundo». (4) E logo se entoa: «Adoramos, Senhor, a Tua Cruz e louvamos a Tua santa

---

(1) S. João, XII, 32.
(2) Hebr. IX, 14.
(3) Dom. Ramos, antif. da Procissão.
(4) Cântico durante a Adoração da Cruz.

Ressurreição». Ressurreição! É o fruto que se desprende desta Árvore da Vida!

E enquanto pelo tempo se desdobra a procissão com a sagrada Reserva eucarística, «in mei memoriam», (1) para memória do Senhor, guiada pela cruz descoberta, soam as estrofes triunfais do «Vexilla Regis prodeunt»: «Eis que avança o estandarte real, refulge o mistério da Cruz!, na qual a Vida sofreu a morte, e pela morte nos deu a Vida. Ó árvore bela e refulgente, ornada de púrpura real, bendita tu em cujos braços, como numa balança, foi avaliado o preço do mundo».

A Cruz trono de Rei e balança de Juiz!

As antigas ofensas dos homens, temporárias vitórias de Satan, que o Senhor tão largamente tolerou, para nos Seus insondáveis desígnios fazer brilhar mais as Suas misericórdias, foram agora julgadas: «Nunc judicium». Esta é a hora do julgamento. O príncipe deste mundo vai ser lançado fora». (2)

No Calvário, o centurião pressentiu-o. Mas a pedra do sepulcro rolou. Roma, a dos muitos deuses, pôs o selo sobre a pedra. As santas mulheres ficaram em frente do sepulcro, contemplando. Como a Igreja, como cada um de nós! O dia de Sábado Santo é esta contemplação e esta descida ao túmulo com Jesus. Aquele sepulcro é o túmulo da morte. Não brilha ainda o Juízo de Deus. Mas sobre ele, a Igreja canta palavras de certeza e de Paz, como nas lápides das catacumbas, que são já triunfo sobre a morte e sobre o pecado e sobre o inferno e sobre «o príncipe deste mundo»: *In pace! In spe!* (3)

A terra, que só dava espinhos e abrolhos, regada com o Sangue de Jesus, refloriu e tornou-se de novo o paraíso.

Quantos há que olhando para a Igreja a não reconhecem como esse novo Eden, cheio de bênçãos de Deus e já sem maldições!

Quantos vendo a Cruz a não crêem como a «Árvore da Vida», cujo fruto é «belo à vista e agrádavel ao paladar»!

Quantos contemplando o Crucificado o não procuram como o fruto dessa Árvore, que dá a imortalidade a todos os que O comem!

---

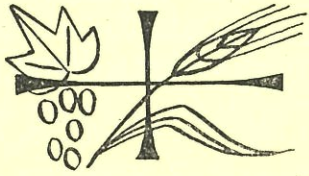
(1) Canon da Missa.
(2) S. João XII, 31.
(3) Duas antif. Sáb. Santo.

Como a Senhora da Soledade, a Igreja, as almas iluminadas pela Luz inapreciável da Fé, contemplam e esperam em Paz. A próxima noite é a Ressurreição, a de Cristo e a sua própria, pelo Baptismo ou pela *Renovação da graça e das promessas baptismais.* «Pelo Baptismo fomos sepultados com Cristo e com Ele ressuscitamos». (1)

Deste modo o mistério que se contempla, torna-se, pela graça sacramental do Baptismo ou da Penitência, do Sacrifício eucarístico, pela renovação das promessas baptismais, enfim, pela celebração litúrgica, na noite sem trevas da grande Vigília, o mistério torna-se de morte ao pecado e de Vida em Cristo, a nossa própria morte e nossa própria vida: «Morrestes, e a Vossa Vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, vossa Vida, aparecer, então também vós aparecereis com Ele, na glória!» (2)

É assim que brilha refulgente o mistério da Cruz!

P. JOSÉ FERREIRA



(1) Cf. Rom. VI, 4.
(2) Coloss. III, 3-4. Epíst. Missa de Vigília.

O Rearmamento Moral

Em Janeiro de 1952, o Pravda *lançava fortes ataques contra o Rearmamento Moral, a propósito das grandes «conversões» registadas entre os fanáticos da mística soviética. Tratava-se de Carlos Pronk, ex-secretário do Partido Comunista em Roterdão, Karl Albrecht, Vice-Comissário pelo governo de Estaline junto do «Povo das Florestas», Max Bladeck e Paul Kurowsky, militantes nas minas da Ruhr durante 25 anos, M.me Vesval, tesoureira da C. G. T..*

Pela mesma aata, o New York Herald Tribune *intitulava assim o artigo de fundo: «Uma greve evitada numa campanha aérea graças ao Rearmamento Moral.*

E ainda ao Rearmamento Moral que se deve a «conversão» da Fábrica Motte, um dos melhores estabelecimentos têxteis. Outrora seguia na vanguarda das greves de França. Hoje abstem-se. O ritmo de produção mensal quase duplicou e os operários recebem «bonus» de 11.000 francos.

*
* *

Foi em 1938. A tensão internacional convidava as nações a sérias medidas preventivas uma vez que a ambição germânica entrava a respirar fundo. Por isso a Inglaterra como as demais potências, tendo embora em mente objectivos essencialmente irénicos, promoveram uma larga campanha de rearmamento.

Não agradou tal medida ao pastor luterano Frank Buchman (U. S. A.). Cônscio de que a crise presente era antes de mais uma crise moral, propôs que as nações em primeiro lugar se armassem moralmente. E assim, frente a um auditório de 3.000 operários dum subúrbio de Londres, ordenava: «vamos criar uma força moral e espiritual bastante forte para refazer o mundo».

Na universidade de Pensilvânia, onde era assistente eclesiástico de estudantes protestantes, congregou alguns fanáticos. A esperança de novas miragens arrasta-o a Oxford. E daqui se lança à conquista do mundo anglo-saxão com um grupo de estudantes. Na África do Sul dá-se o imprevisto. O portador das bagagens escreve nas etiquetas «Grupo de Oxford». Feliz confusão que lhe mereceu em toda a parte, o mais franco aplauso graças ao equívoco onomástico do célebre grupo de Newman.

Na Floresta Negra, em Frendenstadt, onde deambulava metido consigo, reparou: o grande sucesso do marxismo e do fascismo devia-se exactamente ao carácter de originalidade, simplicidade e apelo à doação pessoal. No entanto são ideologias do mal. Porque não lhes opor uma ideologia do bem?

E tentando-a, Buchman recusa-se a lançar mão do catolicismo ou do protestantismo porque se têm mostrado ineficazes. Cria para tanto uma moral slogan que reduz a quatro pontos: honestidade absoluta, lealdade absoluta, desinteresse absoluto e amor absoluto.

CAUX, CAPITAL DO RAM

Um velho palácio que a segunda guerra mundial vitimara foi generosamente restituído às suas linhas estéticas por alguns capitalistas suiços e logo convertido na sede internacional do RAM.

O sumptuoso edifício, com 250 metros de fachada, possui oito andares, algumas caves e várias torres de estilo caprichoso. Ao seu espavento requintado e fino gosto artístico se associam as belezas naturais mais raras do torrão helvético.

A despeito dos seus 1.500 hospedados, apenas 15 criados asseguram oficialmente a vida interna do palácio, uma

vez que o serviço da cosinha e da limpeza estão a cargo dos convidados.

A alegria e o optimismo afloram a todos os rostos e a fraternidade é realmente a nota característica da vida de relação na Mountain House. *Aqui reside justamente o melhor motivo para confundir e convencer muitos dos visitantes que uma curiosidade intempectiva leva a Caux. Daí o falarem em «milagres» do RAM. Porque em boa verdade, é insólito no mundo de hoje presenciar uma camaradagem tão estreita, como evangélica entre patrões e operários, yankées e japoneses, ingleses e indianos, católicos e comunistas, protestantes e maometanos.*

O Raior da aurora é saudado com um quarto de hora de meditação. Trata-se de examinar a consciência e de cultivar o sentido das realidades espirituais.

Quem pois sobe a Caux para ver, regressa, de ordinário, ao seu mundo, diferente do que era. Tal propósito, não é raro manifestar-se em confissão pública. Diante de 1.500 personagens, o «convertido» presta o seu testemunho declarando as faltas passadas. Todo o assistente pode ouvir a sessão na língua preferida, graças a um rádio-receptor individual, munido de auscultadores que retransmite as traduções em seis línguas.

O JUÍZO DOS CATÓLICOS

Perante um movimento que visa a transformação do mundo temporal a partir da fraternidade humana, perante uma experiência que se diz obra do Espírit o Santo e reclama de Deus o governo absoluto das consciências, perante uma tentativa de restaurar o homem pelo homem através de uma religião do espírito que há-de pensar o católico?

O Santo Ofício a ainda não se pronunciou. E as opiniões de que temos notícia, provenientes de uma ou outra figura eclesiástica ou mesmo da hierarquia local dos países onde o RAM se instalou (1), não gozam de unanimidade. Assim, em 1938, o Cadeal Hinsley, arcebispo de Westminster, qualificava o «grupo de Oxford» de movimento protestante e como tal interdito aos católicos. De parecer diverso é Mons. Charrière, bispo de Friburgo e pois ordinário do lugar Caux onde o RAM se instalou, que em 1947 escrevia: «Há nele (RAM) sem dúvida alguma, um escolho perigoso. A procura e a demonstração de valores comuns a diversas confissões ou religiões é legítima. Mas não deve sacrificar ou minimizar os valores não comuns que são a maior parte das vezes fundamentais.

Acreditamos que um movimento como o Rearmamento Moral será tanto mais eficaz quanto mais cada um lhe trouxer, no plano em que se colocar que é o das virtudes de rectidão, justiça, amizade fraterna, os frutos dum impulso, duma experiência e duma fé que se alimentam das fontes superiores, misteriosas — e tantas vezes contestadas! — da Revelação Evangélica» (2)

A esta posição contrapôs a Assembleia dos Cadiais e Arcebispos de França atitude mais radical.

Finalmente em Agosto de 1952, o cardeal Van Roey tornava público em nome da Hierarquia o seguinte comunicado: «O Episcopado Belga previne os fiéis contra toda a participação de qualquer natureza nas activiaades do Rearmamento Moral, por motivo dos perigos que ele oferece à integridade da fé católica». (3)

É justamente sobre esta declaração explicitada por Mgr. Suenens em um livro recente (4) que nós nos escudamos por nos parecer a mais verosímil.

Os «permanentes recusam-se a identificar o seu RAM a um movimento e

---

(1) São eles: Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Estados Unidos, Suíça e União Indiana.

(2) Cit. in Actualité religieuse dans le Monde, n.º 13 (1-X-1953)

(3) Cit. in Études — Fev. 1954, pág 226.

(4) *Que faut-il penser du Rearmament Moral?*, Bruxeles, Editions Universitaires, 1953, pág. 148.

negam-lhe todo o corácter religioso: «O Rearmamento Moral — escreve um católico — não é nem um movimento nem um partido»: (1) E o Conde Carlo Lovera di Castiglione, declara, sob a égide de Buchman: «Não fundou nem mesmo teve intenção de fundar uma seita, uma nova sociedade cristã, uma filosofia peculiar e muito menos ainda uma religião nova». (2)

Não obstante, lê-se em «Refaire le Monde», *o evangelho do movimento: «O Grupo de Oxford tem em vista uma revolução cristã que instaure um cristianismo vivo. Sua finalidade é uma nova ordem social sob a autoridade do Espírito Divino». (3)*

Está pois desvendado o enigma. Trata-se de um movimento essencialmente religioso que pretende restaurar nos homens a religião do espírito. Não é pois novidade.

Há, porém, desvios que nem sequer a proveniência anglicana pode explicar. A ausência de afirmações dogmáticas e a pura tolerância dos credos mais antagónicos conduzem a um indiferentismo primitivo. Por isso clama o dito bispo flamengo: «Equívoco de base: estamos em frente de um movimento religioso que promete cada vez mais usurpar o carácter de uma religião, mas duma religião sem dogmas, duma religião puramente moral que esvasiará da fé cristã o sobrenatural. Mas isto não o podemos nós, católicos, aceitar». (4)

Demais o RAM não passa de um movimento temporal que visa ùnicamente a transformação do mundo. A estrutura espiritual de que pretende couraçar os membros faz abstracção de qualquer valor sobrenatural.

Por isso, uma vez compulsadas estas razões, é difícil a um católico de viva fé subir a Caux com a consciência tranquila. Os melhores argumentos serão vazios *de lógica. Que de aproveitável haverá no RAM que a Igreja Católica não encerre? Os «four moral standarts», os quatros imperativos morais não são ensinados pela Igreja há 2.000 anos?*

*

* *

Não se pode duvidar da nobreza e da eficiência por que o Rearmamento Moral tenta levar em uníssono com outras «pequenas comunidades espirituais», os nossos contemporâneos à contemplação do «real espiritual». A comunização de vida, de planos e de ideais, quando não de recursos, a procura da justiça social, o aumento da delicadeza filial o serviço da comunidade e a preconização de uma vida recta e sã exaltam a personalidade e desenvolvem o sentido da espiritualidade. Mas isto não basta para se entrar na verdade. Quando muito será um veículo que poderá levar à única fonte de Salvação, a Igreja Católica nunca um penhor de salvífico. Só Ela garante ao homem a participação da própria beatitude divina.

J. SALVADO

---

(1), (2) e (3): cit. in Actualité Religieuse dans le Monde n.º 13.
(4) Cit. in Ecclesia, Lectures Chrétiennes, Jan. de 1954.

DAS TREVAS À LUZ:



Tomas Merton

No dia de S. José de 1947, fazia os votos solenes na Abadia de Nossa Senhora de Gethénani, mais um religioso: chamava-se Thomas Merton. Este facto, numa altura em que, na América, é frequente a entrada na vida claustral, nada tem, à primeira vista, de extraordinário. Todavia não acontece assim. Thomas Merton em breve começa a escrever e entre as suas obras conta-se a própria biografia, que causou verdadeira revolução dentro e fora da América. E, na verdade, há razão para isso. Depois de a ler dá vontade de repetir, as palavras evangélicas postas, à guisa de epígrafe na tradução francesa: «Em verdade vos digo que Deus pode transformar estas pedras em filhos de Abraão».

Efectivamente é um grande milagre da graça que um homem envolvido de tal maneira no mundo, educado fora de qualquer preocupação religiosa, em determinada altura se oriente para Deus e, depois de uma evolução espiritual sem dúvida nenhuma lógica e consciente, vá encerrar-se num mosteiro trapista, seguro da sua vocação contemplativa. Pois foi o que aconteceu com Merton.

Em França, com ele próprio escreve, «nasci livre à imagem de Deus e prisioneiro da minha natureza violenta e egoísta à imagem do mundo». Filho de artistas — o pai era pintor apreciado e a mãe também se dedicava à pintura — herdou dos progenitores a maneira de apreciar a vida com vistas largas, a integridade que tantas vezes manifesta e um grande desejo de perfeição.

A instrução religiosa que recebeu foi nula, porque a mãe, deísta

convicta, queria livrar o filho da influência de qualquer religião organizada. Apesar disso recebeu o baptismo na igreja anglicana, à qual o pai, de nacionalidade inglesa, pertencia.

A sua vida foi muito agitada logo desde criança. Com um ano apenas acompanha os pais à América onde, aos sete lhe morre a mãe. Pouco tempo depois segue o pai nas suas viagens artísticas, dando assim início a uma vida errante que levará, até à entrada na trapa. Esteve nas Bermudas, depois percorre a França em todas as direcções, vai para a Inglaterra, daqui faz diversas viagens à América, onde, por fim, se fixa.

Na França, dentre todos os lugares por onde passou, houve um que lhe ficou profundamente gravado na memória: Murat, na região de Auvergne. O pai estivera aí numa das suas viagens e hospedara-se em casa de família simples e boa; como reconhecesse no filho necessidade de descanso, e nos hospedeiros qualidades para olharem por ele, deixou-o aí a passar umas férias. Pois é a essa boa gente, os Privat, de vida simples mas vivida em união com Deus, e às suas orações que Thomas Merton atribui a graça da vocação sacerdotal e religiosa.

Da França vai para a Inglaterra e, aí, passa a viver com uns tios ao mesmo tempo que se prepara para matricular-se na Universidade. Aí sentiu durante algum tempo a influência do culto anglicano.

Entretanto morre-lhe o pai, o que lhe causa um abatimento profundo, «Tornei-me o verdadeiro tipo de homem do século XX; filho deste mundo e deste século odioso de gases asfixiantes e de bombas atómicas; vivendo no seio do Apocalipse, com as veias cheias de veneno, numa verdadeira necrópole.

Mas Deus nunca falta com a graça; basta que nos disponhamos a deixá-la actuar. Durante esse período de desmandos e desvarios há dois factos que podemos considerar pontos luminosos no meio de tanta escuridão: a leitura de William Black e a estadia em Roma.

Daquele já em criança ouvira falar ao pai, que lhe lera os poemas, mas não o compreendeu. Agora sim, compreendia-o e, apesar da sua confusão e das suas noções erradas, havia de ser o meio de que Deus se serviria para despertra no coração de Merton a fé e o amor.

A estadia em Roma, escala de uma viagem de recreio através da Europa, pô-lo em contacto com os templos da Cidade Eterna que o fizeram «descobrir Aquele a quem os homens chamavam Cristo». Foi aí que de novo a oração lhe veio aos lábios; mas agora não era já aquela oração

maquinal por que tinha sentido gosto quando frequentava os templos anglicanos; a oração de agora saía-lhe do coração. E, curioso prenúncio, no regresso de Roma, ao passar pela Abadia trapista ds Três Fontes, tomando contacto com aquele ambiente de solidão e paz, sente o desejo de lá ficar, embora dos trapistas só soubesse que guardavam silêncio perpétuo.

Mas, está ainda muito longe da conversão. Dois meses após o regresso a Nova Iorque,, durante os quais ainda leu a Bíblia, tudo voltou à primeira forma. Depois de frequentar o templo não conformista e de assistir a algumas reuniões dos «quakers», cai na indiferença absoluta... E não só na indiferença, vai até ao combate organizado.

Já matriculado na Universidade de Colúmbia, depois de ter abandonado a de Cambridge, toma parte em algumas manifestações públicas de origem comunista e chega mesmo a pertencer à «Liga dos jovens comunistas». Tomara contacto com estas ideias em Estrasburgo; levado talvez pela análise da própria vida, julga que elas são, de facto, a expressão da Verdade e, por isso, aceita-as.

Mas o desengano não tarda; pondo-as de parte, continua à espera, até que, por misericórdia de Deus, essa Verdade lhe apareça. E apareceu-lhe, ou melhor, começou a aparecer-lhe, na realidade, ao tomar entre as mãos o livro de Gilson: «*L'Esprit de la Philosophie Mediévale*». Foi este o ponto de partida, pois que, a sua leitura, dá a Merton uma noção verdadeira de Deus, sobretudo através do seu atributo mais característico, a «*Aseidade*». Com esta palavra quer a Filosofia escolástica significar o poder que possui um ser de existir por si mesmo; não enquanto causa de si próprio, mas enquanto causa incausada, enquanto não precisa de qualquer causa para existir.

Então sentiu o desejo de qualquer organização que lhe falasse de Deus, isto é, duma Igreja. Como era natural dirigiu-se à igreja episcopaliana, com a qual já tinha tomado contacto. Em breve, porém, a abandonou, considerando-a muito vazia, muito social e nada espiritual.

Entretanto, de novo toma contacto com William Black; escolhe para assunto da sua tese «A natureza e a arte em William Black». Isto fê-lo dar mais um passo no progresso espiritual, pois fê-lo reconhecer cada vez mais a necessidade da fé, a ponto de afirmar: «A vida da alma não consiste em conhecer, mas em amar, porque o amor é um acto de vontade,

faculdade suprema, que une o homem ao fim último de todos os seus esforços — que une o homem a Deus».

Outro facto que veio impulsionar este progresso foi o conhecimento que travou com um monge hindu, que veio representar o seu mosteiro num congresso realizado em Chicago, o qual lhe recomendou a leitura de S. Agostinho e da Imitação de Cristo.

E foi assim que, em pouco mais de ano e meio após a leitura de Gilson, o «ateu que julgava ser, estava transformado naquele que aceitava toda a extensão e todas as possibilidades da experiência religiosa, até ao mais alto grau de glória». Já não o satisfaz uma fé meramente intelectual; começa a sentir a necessidade de se entregar a Deus, embora seja ainda muito vago este desejo.

Uma coisa é certa porém: «a convicção firme da existência do fim e a esperança de poder alcançá-lo».

O conhecimento e a simpatia pela Igreja Católica vem-lhe à medida que vai trabalhando na tese. Um domingo chega mesmo a deixar de namorar para assistir à missa.

*
* *

Começa agora a parte mais maravilhosa da vida de Merton: a sua ascensão rápida para Deus. Aí se vê, de facto, o poder da Graça. Quando recebeu o baptismo, estava espiritualmente entregue a si mesmo, não conhecia a oração mental, não tinha mesmo uma noção nítida do valor real dos sacramentos.

É interessante que, logo desde o baptismo, começa a sentir a vocação sacerdotal e, quando por vezes abandona essa aspiração, por a julgar talvez demasiado precoce, sente um desfalecimento na vontade e começa a orientar as suas acções em ordem a uma vida fácil. Mas não o satisfaz uma vida de cristão mediano, embora fervoroso. Como dirá mais tarde, «não poderá passar sem os sacramentos diários, muita oração, muita penitência, muita meditação e muita mortificação».

Um dia, quando passeava com um amigo na 6.ª Avenida, em Nova Iorque, este perguntou-lhe qual era o seu programa de vida. Ficou meio

atónito com a pergunta mas respondeu: «Não sei; mas sem dúvida ser um bom católico». Mais atónito ficou ainda, quando o amigo lhe retorquiu que certamente o que ele queria dizer é que queria ser santo. T. Merton, ainda não tinha compreendido o verdadeiro sentido da santidade. Tal como uma grande maioria dos cristãos de hoje, julgava-a privilégio de uns certos, esquecendo-se de que Deus nos criou para Si.

A ascensão continua e, com ela vai aumentando o desejo de ser padre. Decide-se pelos franciscanos e chega a pedir a admissão no noviciado. Todavia um sacerdote franciscano, seu amigo, julga-o sem vocação e aconselha-o a comunicar a desistência ao Padre Provincial.

Em determinada altura, — era já professor no colégio franciscano de S. Boaventura — de novo ouve falar dos trapistas, do Mosteiro de N.ª Sr.ª de Getsémani e dos retiros que, todos os fins de semana aí se organizam para leigos. Resolve ir lá passar uma Semana Santa.

O contacto íntimo com Deus durante aquela semana de silêncio absoluto em que, acompanhando o esplendor da liturgia, ia revivendo o drama do Calvário, fez renascer a ideia da vocação religiosa, desta vez com nitidez e insistência.

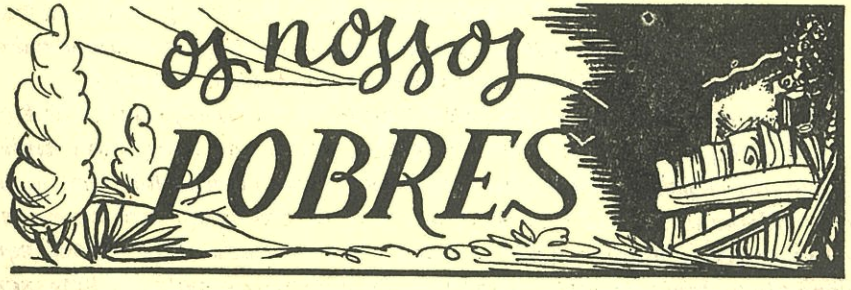
É comovedora a partida para a trapa. Distribui todos os seus haveres, desligando-se, assim, de tudo o que o prende ao mundo, numa ânsia desmedida de se dar todo a Deus. Já no Mosteiro, suporta sempre com a mesma generosidade, e boa disposição todas as asperezas do noviciado trapista, sem que a menor sombra de arrependimento o invada.

Thomas Merton tinha-se encontrado.

Foi preciso sofrer muito; foi necessário cortar com muitas ligações que o prendiam ao mundo, mas ligações vivas, cujo corte feria e fazia sangrar. É ele próprio que o diz: «Mas como é preciso ir longe para Vos encontrar... Não posso explicar a nenhum outro ser o que é preciso sofrer pela Vossa alegria, o que é preciso perder para Vos ganhar...».

ALBERTO TEIXEIRA DIAS

As citações são todas as versão francesa da autobiografia de Thomas Merton: «*La nuit privée d'étoiles*» (no original: *Le Seven Storey Mountain*, de que há tradução portuguesa publicada em S. Paulo: *A Monhanha dos Sete Patamares)*.



Bemaventurados os pobres, bemaventurados os que têm fome e sede...

É a eterna sublimação da pobreza, dessa pobreza que nós topamos a cada momento em todas as suas fases de tragédia e dor... Bemaventurados os pobres, esses mesmos que tu e eu conhecemos, nos casebres e à beira das estradas, desprovidos de tudo, e que porventura a nossa vida saciada continua a não querer ver...

Bemaventurados os pobres, pequenos e grandes, novos e velhos — escorraçados da sociedade e desamparados de todo o carinho e conforto... Bemaventurados os pobres, esses que escondem envergonhadamente privações dolorosas e necessidades urgentes!... O Evangelho é luz, é esperança que dissipa as trevas, e o desespero: «eles serão saciados... e a fome, e a sede, e a dor e as lágrimas, se transformarão em plenitude e alegria.

O sofrimento é redenção, e não há redenção sem sofrimento — é esta a lei nova e velha, de ontem, de hoje e de todos os tempos. Não é preciso ir muito além dos portões do nosso Seminário, para defrontarmos a pobreza mais extrema em todos os seus aspectos — quer de ausência de recursos materiais, quer de ausência da própria dignidade humana, que a miséria diluiu ou embotou. E se a falta de meios destes nossos irmãos é de facto um apelo vivo à nossa caridade cristã, não o é menos a insensibilidade e a quase incapacidade de reacção a que muitos deles impassìvelmente se entregam.

Os escassos meios de que dispomos, nem sempre permitem uma

solução eficaz para um ou outro caso mais urgente, e muito menos uma melhoria das condições de vida destas dezenas de pobres... Vamos até junto deles com aquilo que temos, que não é oiro nem prata, mas sim a preocupação sincera de comungar nas suas dores, nas suas faltas, nas suas amarguras. É este contacto fraterno com o pobre, que muitas vezes rasga, diante da neblina espersa do desinteresse e do desânimo, os horizontes cristãos do sofrimento e da dignidade humana.

Pode a ceia não ser mais farta do que o costume, pode o leito continuar desconfortável e escasso de roupa, podem as dores não diminuir, mas quando o pobre sente que lhe damos tudo (e não há como o pobre para o adivinhar), a dor e a fome e o desconforto tornam-se menos agrestes, porque mais cristãs... «eles serão saciados!...» Nem sempre é a esmola o lenitivo mais oportuno da miséria do pobre... nem sempre é a esmola, embrulhada num ar mais ou menos discreto de compaixão, a única maneira de praticar a caridade para com o próximo... Quantos então não estariam impossibilitados de a praticar?!...

Já assisti à perturbação de um pobre quando alguém com a melhor das intenções lhe estendia uma nota de vinte escudos... Por outro lado, tenho verificado quanto apreciam que os visitemos, para nos dizerem tudo o que os aflige e perturba: — «venha hoje a minha casa...» e quando à despedida lamentamos nada ter para deixar — «que venha mesmo sem trazer nada».

Há uma pobre mãe de família, que visitamos todas as semanas; sete filhos — cinco em casa — um com «fraqueza de pulmões» e todos com aspecto disso. Passa-se fome... e ela tira o pão da boca para o dar aos filhos. Uma doença grave fê-la sofrer durante bastante tempo... Sempre esta pobre mulher nos recebeu com um sorriso, que não lhe desaparece dos lábios, mesmo quando chora. É raro lastimar-se, — «que nem jeito tem para pedir» — dizem os vizinhos... deixamos-lhe do pouco que temos que é quase nada. Numa das semanas últimas, reparei que sempre encontrava duas pequenitas que andam na escola, e perguntei se a professora não estava às quintas-feiras — «que sim, mas como os senhores priores vinham, não tinham alma de ir para a escola».

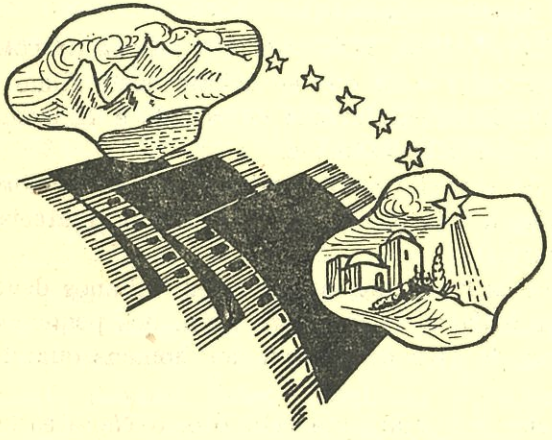
A amizade do pobre!

Será apenas dos cinco ou dez escudos por semana, e dos pequenos mimos que às vezes levamos?

F. GRAÇA

Poderá o cinema traduzir realidades espirituais?

II



«O valor de eternidade que existe num simples instante e resulta dum contacto com o sentido profundo do homem, da vida, do mundo, é-nos comunicado pela religião revelada (e não revelada) através de uma história, de um dogma, de uma liturgia. O cinema, só quando saiba utilizar-se daqueles meios, para se tornar, por sua vez, uma espécie de ofício ou celebração, merece o nome de cinema sagrado, religioso. E se o filme em particular, encontra a sua linha espiritual, os necessários elementos plásticos, o seu clima, ele atingiu o nível de transparência do sobrenatural — fim último de toda a arte.

Um dos modos por que se pode atingir esse objectivo, consiste na utilização das lendas e tradições populares.

Na alma do povo sempre o elemento maravilhoso procurou transcender as realidades naturais da vida humana.

Sendo a escola escandinava a que mais tem utilizado a inserção do misterioso, será ela certamente a mais apta para neste domínio nos dar a melhor aproximação do único «Mistério».

Escolhendo dentre os seus filmes «*Caminho para o Céu*» verificamos que a «transposição plástica do sobrenatural» (1) se faz aí através da Bíblia, do antropoformismo. Deste modo consegue-se atingir o mistério de Deus, de Graça, de Salvação.

Mats vê a sua noiva injustamente queimada por feitiçaria e para ir ter com ela toma o «caminho para o Céu». Na viagem deparam-se-lhe os profetas Jonas, Jeremias e Ezequiel; encontra-se em presença do presépio. Entretanto o diabo desvia-o para as orgias do rei Salomão. Torna-se um homem rico mas duro; apesar de avarento é sempre benfeitor da Igreja. Morre e o demónio vem buscá-lo, mas aquela Mulher que Mats encontrara um dia com o Filho nos braços salva-o. História simples, de candura verdadeiramente popular, este filme atinge aquela grandeza e elevação de um verdadeiro Mistério medieval.

Para além da temática não ortodoxa, possìvelmente reflexo da concepção luterana da salvação gratuita — o que se debate neste filme é a grande aventura humana; a presença do drama do pecado e da graça confere-lhe autênticas perspectivas sobrenaturais.

Ao lado desta expressão do sagrado pelo enraizamento no folclore tem o cinema procurado também a inserção do sobrenatural no material através do retrato fiel do quotidiano.

Mais que quaisquer outros, os modernos realizadores italianos dedicam-se verdadeiramente a essa estética de insignificância, dos pequenos nadas que são afinal os valores da vida do comum dos homens quando animados pelo Espírito.

Dentre os temas de carácter estrictamente religioso, o Neo-Realismo tem-se notabilizado especialmente na hagiografia. Saindo dos moldes tradicionais, ao tratarem a vida de S. Francisco de Assis e de Santa Maria Goretti, eles conseguiram, através de fidelidade ao quotidiano, às insignificâncias, comunicar-nos algo do grande Amor que animou a vida daqueles santos.

Assim em «*Francesco, Giullare de Dio*», através de alguns passos assinalados da vida do Poverello e de seus companheiros, Rossellini dá-nos uma imagem real da sua verdadeira alma, do seu espírito de crianças

---

(1) A. Ayfre — Estudos (C. A. D. C.), Fevereiro 1952, pág. 106.

abandonadas nas mãos previdentes de Deus. Por este meio introduz o sobrenatural no filme: «nestes seres que atingiram a transparência da fé, Deus fez a sua morada; Deus neles se compraz». (1)

«*Céu sobre o pântano*» continua em linha semelhante. Com a preocupação de relatar apenas o real, o vivido, de não o romancear, A. Genina fez-nos ver que «a Santidade reside, não na grandeza dos actos visíveis, mas na qualidade do amor invisível que os anima». (2) A admirável simplicidade que Maria nos mostra na resistência às provas, na morte, no seu perdão, é precisamente a expressão do amor límpido e absoluto pelo seu Criador que ela vive até à Cruz.

A hagiografia tem tentado muitos outros realizadores. Todos eles porém, quando não traídos pela realização técnica, caem mais ou menos no sentimentalismo, no anedótico ou no didactismo. Entre as várias obras que conseguiram libertar-se desse perigo sobressai o conhecido *Monsieur Vincent*. Apesar de várias negligências técnicas e estéticas, consegue atingir uma verdadeira autenticidade religiosa através da interpretação admirável de Pierre Fresnay «num alucinante poder de recriação. (3)

Quando se pretende, ainda no domínio hagiográfico, uma captação do sobrenatural através da reconstituição histórica em grande plano, o fracasso tem sido quase completo. Relembremos, por exemplo, *Joana d'Arc* de Vítor Fleming, os filmes de Cecil de Mille *(Os dez mandamentos, o Rei dos Reis, o Sinal da Cruz, As Cruzadas, Sansão e Dalila)*. Certamente existem neles magníficas e sugestivas evocações, mas aquele sentido da História em que as forças e herois religiosos se inserem e por vezes orientam o curso, (4) esse sentido escapa ou é abafado sob a «ressurreição integral do passado» que o realizador pretendeu.

Para se atingir aquele sentido, aquela verdadeira realidade interior, não se pode pretender que a literalidade histórica, o pormenor preciso, sejam apresentados integralmente. Antes deve fazer-se a «decantação do real» através sobretudo de primeiros planos, na ordem estética.

---

(1) H. Agel e A. Ayfre — *Le Cinéma et le Sacré*, pág. 77.
(2) P. Pichard. Prefácio do argumento do filme pelo P. Menu Ed. Mame.
(3) H. Agel — *Le Cinéma a-t-il une ame?* — pág. 90. Ed. du Cerf, 1953.
(4) A. Ayfre — *Dieu au Cinéma* — pág. 32.

É através desta decantação do real até à ascese que Dreyer consegue em *A Paixão de Joana d'Arc* elevar-nos a um plano de espiritualidade notável. Recolhendo da História apenas os elementos sem idade, sem data aparente, mas de um valor universalmente humano, Dreyer construiu com eles uma admirável meditação pela qual nos pôde comunicar a real paixão de Joana d'Arc.

Esta ascese da matéria atinge o expoente máximo nos filmes de Bresson. Utilizando como meio a análise psicológica, aquele realizador consegue em *Les Anges du Péché* e sobretudo em *Journal d'un Curé de Campagne,* elevar-se das «condições espacio-temporais» para atingir o campo restrito onde opera a graça.

No primeiro daqueles filmes Bresson estuda o caso da evolução espiritual de uma rapariga mundana, Ana Maria, que se torna religiosa de Betânia, ordem consagrada à reabilitação de criminosas pelo desejo que tem de converter Teresa, uma mulher que matou e encontra no convento refúgio discreto. (1)

A dedicação de Ana Maria irá até ao sacrifício da própria vida para que Teresa se abra a Deus, à graça.

Esta presença da graça e do valor redemptor do sofrimento atinge o sublime em *Journal d'un Curé de Campagne* — o filme que maior coeficiente de sobrenatural nos transmitiu até hoje.

O pároco de Ambricourt, num verdadeiro espírito de infância espiritual, «maleável, como a argila mais mole... não oferecerá nenhuma capacidade de resistência ao terrível amor de Deus que o fará sangrar em abundância. Sangrar, e sangrar tão miseràvelmente como o Filho do Homem, era bem a vocação do jovem pároco...» (2)

E este sofrimento aparece-nos claramente como a única via de converter, de fazer tocar pela Graça as almas dos seus semelhantes.

Utilizando um «ritmo surdo», iluminações cinzentas e restringindo ao mínimo os factos, Bresson conseguiu aquele ambiente capaz de nos convencer de quanto pode, num mundo egoísta e fechado, uma alma inteiramente aberta à Graça e dominada pelo Amor de Deus.

---

(1) A. Ayfre — Estudos, Jan. 1952, pág 52.
(2) H. Agel e A. Ayfre — Le Cinéma et le Sacré — pág. 35.

*
* *

Desta forma o cinema, quer incarnando realidades espirituais, quer fazendo-nos entrar, de certo modo, em contacto com o Transcendente, constitui um dos mais eficazes meios de combater a materialização da vida, determinada pela tecnocracia do mundo contemporâneo.

Uma dúvida pode subsistir no entanto: se no cinema existem estes valores, porque não têm sido eles devidamente apreciados até aqui?

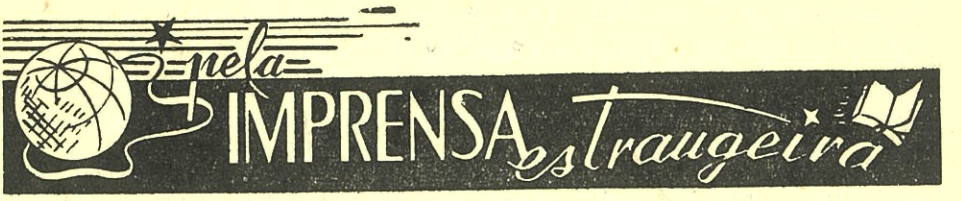
A resposta é simples. Para que uma audição de boa música ou a visita a um museu de pintura não resultem em mero passatempo, é necessária uma iniciação ou, pelo menos, uma explicação sumária da arte dos sons ou do pincel. Da mesma forma com o cinema. Ele deixou já a época de mero espectáculo. Filmes como os exemplos atrás assinalados, são capazes de despertar em nós emoções de ordem superior. «Mas a imagem é opaca para um público não prevenido» (1) e por isso é necessária uma verdadeira educação cinematográfica que nasça nas elites e desça ao grande público.

É necessário «empreender uma verdadeira descoberta do cinema», uma dimensão nova do nosso humanismo. E uma dimensão valiosa que nos pode dar da condição humana uma ideia mais viva e mais completa, fazendo-nos conhecer os nossos mais longínquos semelhantes, permite-nos redescobrir o sentido do próximo que a febril vida moderna teima em roubar-nos. E com a magnífica capacidade simbólica da imagem, «o filme pode ser-nos testemunho do transcendente à maneira de uma fuga de Bach ou de uma tela de Fra Angélico».

JOSÉ VIEIRA MARQUES

---

(1) Henri Agel — L'Educateur Chrétien en face du Cinéma — pág. 58.



Padres, Leigos e Acção Católica

Vicente Giese, «WORSIP», (1) Jan.º 1954

Este número traz-nos um artigo oportuno e cheio de verdade: «*Nothing without a priest*».

Trata-se duma análise da posição do padre e do leigo dentro da Acção Católica. Pressupõe três dados certos, índices críticos da Acção Católica norte-americana: 1) escassez de assistentes eclesiásticos, de que se queixam os leigos; 2) número reduzido de apóstolos leigos, do que se lamentam os sacerdotes, especialmente os párocos urbanos; 3) falta de coordenação entre o trabalho de uns e outros.

Radical e pràticamente o problema é de «autenticidade»: importa que o padre seja só e exclusivamente padre; a mesma exigência quanto ao leigo. Uma vez isto realizado, brotarão automática e naturalmente o respeito, entendimento e amor recíprocos. «O Espírito Santo tem a sua dialética própria para a qual mobiliza padres e leigos. Tudo o que tem sido realizado pela Igreja, tem-no sido através destes instrumentos humanos e frágeis».

*
* *

O leigo tem, em geral, do sacerdote, uma ideia apriorística, definindo-o segundo as suas coordenadas de vida e centros de interesse: «A não ser que o padre assine certos periódicos avançados, a menos que mantenha certas posições políticas a respeito das Nações Unidas, do auxílio à Europa..., tem a tendência para o condenar, como homem que não corresponde às nossas necessidades». Há mesmo uma verdadeira admiração pelo «padre que gosta de whiskey, pelo padre em mangas de camisa, pelo padre operário, pelo padre político».

A razão desta atitude é triste: o cristão, conhecedor das duas ordens, inverte-as, postula primeiro as necessidades (ou pretensas necessidades...) do mundo; depois, segundo elas é que molda o padre. Inconscientemente, embora cheio de boas intenções, renegou a pedra angular, aquilo sem o que é impossível o cristianismo: Cristo.

O padre tem Cristo por modelo único. Logo, não tem de ser primàriamente político, ou economista, ou técnico militar ou outra coisa qualquer — não pode, nem deve. «A política não foi o mister de Cristo. Ele veio para dar testemunho do Seu Pai Celeste, para servir os doentes, os pecadores, para pregar a Nova Lei». O padre apenas tem de ser padre: «O homem a quem peço para ouvir os meus pecados, para me casar, para celebrar Missa, para me dar o Pão da Vida, para me comunicar o Espírito Santo, tornar-me filho de Deus — esse homem precisa apenas de ser um padre: um homem autorizado a manter os homens em contacto com a vida divina».

(1) S. John's Abbey, Collegeville, Minn, U. S. A.

Por sua vez, a categoria de leigo também não é compreendida pelo padre. Psicològicamente, este adopta a mesma atitude criticada àquele: entende e julga a vocação leiga pela dele, a eclesiástica. Exagera e deforma o exercício normal dos direitos naturais que cabem ao leigo. E fá-lo quando pretende invocar e impor ao leigo uma missão sagrada e sacerdotal que só a ele, padre, compete. Tende a exorcizar as manifestações próprias do homem, e subjacente a todo o cristão: «Negaram a natureza das coisas Exortariam os leigos a não desperdiçar o seu tempo nas profissões, estudos, ciência, arte, actividade política ou cívica, mas, em vez disso, a participar em alguma obra de caridade ou a entregarem-se a alguma actividade católica». Consideram os leigos como «demasiado mundanos».

Ou então, o padre atrofia e restringe a função do leigo, não vê nele mais que um «criado para todo o serviço...» — «Quantas vezes os nossos padres desejam apenas dos leigos, acólitos clericais dóceis. Desejam alguém para tirar a neve com a pá, somar as colectas para obras de caridade, preparar um pequeno almoço... Vendo os leigos em qualquer destas actividades, o bom pastor recosta-se e diz: Ah! eis a Acção Católica!»

O remédio só pode vir em função do conhecimento do organismo. Defina-se pois o laicado: «Os leigos estão no mundo como cristãos para produzirem ali o trabalho de Deus, tanto quanto esse trabalho deve ser produzido nas obras do mundo. Que melhor exemplo que o de S. Tomás Moro? — «Foi um leigo ,um advogado, um advogado competente, o melhor do seu tempo. Respeitava a natureza do seu estado de leigo, a natureza da lei, os seus processos. Não a torcia para quaisquer fins propagandistas; nem sacrificava o respeito por ela ou a competência nela, porque acreditava em Deus. Não examinava o caminho para ir até Deus, mas porque era um leigo, um homem cuja santificação viria através do participar no mundo, tomou o caminho longo — através do trabalho jurídico, da vida política, da vida familiar; em suma, através duma vida enraizada no mundo e pelo caminho mais longo, alcançou a santidade e as honras dos altares.

* * *

Feita a revisão do que compete ao leigo e ao padre dentro da Igreja, resta pôr em prática as devidas implicaçoes. Dado que o comum dos dois se estriba em serem «membros de povo de Deus» e «destinados à herança directa dos santos», a mútua compreensão e respeito — para um testemunho eficiente e perene de Cristo no tempo e no mundo — determinarão enriquecer e dinamizar as vocações respectivas. Deste modo a verdadeira máxima não será apenas: «Sem o Padre, nada feito... (Assim, o apostolado sacerdotal teria o exclusivo...) Há que completá-la, antecedendo-a da indicação sobre a tarefa caracterísica que nos compete — assim pensa o autor, leigo e leigo às direitas.

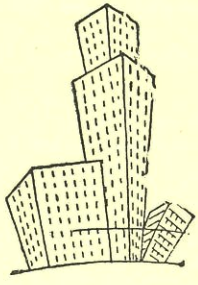
Eivado levemente de paradoxo, eis o teorema que dá ao leigo o que é do leigo e ao padre o que é do padre.

A aplicação do exposto é universal, ultrapassa o caso americano. Assim façamos nós o balanço...

J. AFONSO

Portugueses na Califórnia

«EXTENSION»(1) Março 1954



No Vale de São Joaquim, Califórnia, 100.000 portugueses constituem o elemento mais pacífico e trabalhador duma região onde 80 por cento da população se dedica à criação de gado.

«Qualquer padre que tenha trabalhado entre eles durante algum tempo dirá que 99 por cento das pessoas estão em comunhão com a Igreja e que

(1) 1307, S. Wabash Ave. — *Chicago.*

a apostasia, o divórcio, o crime e as doenças mentais são pràticamente desconhecidas.

Os banqueiros e comerciantes que negoceiam com portugueses atestam a sua estabilidade, honestidade e economia».

Em Fresno, onde vivem 15.000, desde 1887 apenas quatro foram condenados. Até 1950, esta cidade conservava a mais elevada criminalidade de toda a Califórnia, e, no entanto, os portugueses, que lá começaram a viver há mais de um século, resistiram sempre tenazmente ao meio desfavorável e a certas liberdades americanas. Sòmente em 1849, alguns se entusiasmaram com a corrida ao ouro; mas cedo descobriram tratar-se de campo áspero e repugnante para uma sensibilidade profundamente religiosa.

Passaram então a dedicar-se à criação de gado.

É interessante notar que se mantêm em bloco separado e conservam ciosamente a língua portuguesa, o que acontece aliás com quase todos os estrangeiros nascidos na Europa. Evitam assim uma mistura que pode comprometer os seus reais valores.

Eles pretendem simplesmente continuar a viver as tradições dos seus antepassados oriundos do meio rural dos Açores ou do Continente ,vida simples e toda ela em união com a Igreja. «As grandes festas são as que o ano litúrgico marca como mais importantes; são estas ocasiões os grandes momentos da sua vida».

Hoje nota-se todavia uma certa tendência para se tornarem simples americanos, a fim de penetrarem mais fàcilmente na vida de comércio, em certas profissões e na vida civil e política.

Têm no entanto um problema de solução urgentíssima: o das vocações religiosas e sacerdotais. Por enquanto existem apenas alguns irmãos leigos em ordens várias, porque o maior número dos candidatos volta para o seio da família.

Um curioso pormenor com interesse muito actual, especialmente no momento em que muita gente discute a lei da assistência aos espectáculos aqui em Portugal: numa família açoreana típica, os Ávilas, com dezasseis filhos, nunca nenhum deles frequentou uma sala de cinema, não por não possuir meios para isso, ou por não reconhecer a possibilidade educativa do cinema mas, segundo declararam, pela simples razão de a maior parte dos filmes mostrarem a parte negativa da humanidade, dando maus exemplos com assassínios banditismos, divórcios, escândalos políticos e muitas outras misérias sociais e morais.

As suas diversões limitam-se a festas de aniversários, aos festejos do ano litúrgico e uma vez ou outra, a um passeio a outra cidade do Vale, ou a alguma festa em honra do Espírito Santo.

Os açoreanos que emigram levam consigo grande devoção aos santos mais queridos dos portugueses: Rainha Santa Isabel, Santo António, não esquecendo Nossa Senhora sob as mais variadas invocações.

No artigo que transcrevemos sentimos tudo o que fez de nós um grande povo: o apego à terra, a perseverança no trabalho, a honestidade, o espírito religioso, acrescidos de alguns defeitos bem característicos: um tudo nadinha de espírito supersticioso, de ausência de ambições, a modéstia da nossa posição que aliás encobre valores apreciáveis.

JOÃO B. PIMENTA

Papini e o seu livro sobre o inferno

S. Fruscione, LA CIVILTÀ CATTOLICA (1) — 16-1-1954.

É entre nós conhecida a figura de Giovani Papini sobretudo pela sua «História de Cristo», «Cartas aos homens do Papa Celestino VI» e outras obras de menor importância.

«Cartas aos Homens» não foi muito bem recebido, principalmente por parte dos teólogos, que parece não mereceram

(1) Via di Porta Pinciana, 1 — ROMA.

ao escritor convertido a devida consideração.

Mas a obra que levantou verdadeira celeuma, sobretudo em Itália, foi «O Diabo» recentemente publicada.

Sobre ela publicou (o P. Fruschione, S. J.) a crítica.

Papini prescinde da revelação e encara o problema à simples luz da razão e à base do sentimento.

Não chega ao ponto de negar a existência do Inferno, mas nega a eternidade das suas penas.

Vejamos como argumenta:

Uma coisa verdadeiramente eterna não teve princípio mas pode ter fim.

Mas o Inferno teve princípio.

«À mente humana repugna a ideia duma eternidade que tenha tido começo... O Inferno não existiu sempre, porque só teve início com a queda dos anjos rebeldes e nada nos impede de esperar que tenha fim juntamente com o resto do mundo criado».

O que teve princípio terá necessàriamente um fim?! E a alma humana? Pela mesma lógica terá de se lhe negar a imortalidade!

Conclusões:

«É lícito crer que uma das consequências daquele fim será também o fim da rebelião, isto é, o feliz retorno de Satanás ao fulgor da Eternidade».

A originalidade das afirmações leva-nos a perguntar: Estará Papini convencido do que escreve?

«Os tratados de teologia continuarão a dizer NÃO à doutrina da reconciliação total e final, mas o coração «*qui a ses raisons que la raison ne connait pas*» continuará a gritar e a reclamar o SIM».

O escritor florentino esqueceu-se de que o magistério infalível da Igreja não foi dado aos teólogos mas ao Papa e aos Bispos. Aqueles podem errar sem que a doutrina da Igreja se adultere em nada. Não negaram S. Bernardo e S. Tomás a Conceição Imaculada da Virgem Santíssima?

Mas a ousadia de Papini vai mais longe e chega a afirmar que «Deus, verdadeiramente Pai, não pode torturar eternamente os seus filhos... Deus, todo Amor, como foi apresentado pelo próprio Cristo, não pode negar eternamente o seu perdão ainda mesmo aos mais rebeldes... Se assim não fosse deveríamos pensar que o próprio Pai de Cristo não é um perfeito Cristão».

Outro gravíssimo erro de Papini é o de atribuir ao próprio Deus parte da culpa de Satanás. Deus, criando-o livre, tornou possível a sua queda.

«Não é culpa sua se a própria superioridade que lhe foi concedida o dispõe e inclina, como S. Tomás afirma, ao pecado da soberba... Se as razões de S. Tomás são exactas e ortodoxas é justo atribuir a Satanás toda a culpa?»

Parece ser esta a mais original das suas afirmações e aquela em que o seu poder de subtileza chega ao ponto de, citando S. Tomás, dizer precisamente o contrário do que diz o doutor angélico.

Outra conclusão curiosa:

«Deus em virtude da sua Justiça pode castigar mas não pode odiar. Se Ele é por essência o Amor, todo amor,, não pode subsistir n'Ele o oposto do Amor, aquela negação do amor que é o ódio... Amava-o imensamente antes da revolta, quando ele era feliz entre os felizes, não o amará ainda mais agora que ele se tornou o mais desesperadamente infeliz entre os infelizes?»

Como se vê, as afirmações de Papini são deveras arrojadas e originais. Que pensará delas o seu autor?

«Nós não pretendemos que estes sentimentos e estes pensamentos sejam aceites hoje pela doutrina oficial da Igreja docente nem muito menos pretendemos fazer as suas vezes. Mas o que não é lícito ensinar como verdade certa e segura, pode e deve ser admitido como cristã e humana esperança».

Só uma pergunta: será cristão aquilo que vai contra Cristo e a doutrina da sua Igreja? E será verdadeiramente humano aquilo que for visto apenas pelo coração e à base do sentimento, que tanto nos engana?

De certo que não. O próprio Papini se condena pelas suas afirmações.

Não é pois lícito ensinar tal doutrina nem «como verdade certa e segura» nem tão pouco «como cristã e humana esperança». *

JOÃO MARIA FARINHA

LITERATURA DE ROMANCES

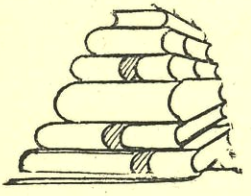
Se o baixo nível cultural do nosso povo dificulta imenso o critério na escolha das leituras, a raridade de bons livros mais penoso o torna ainda.

É verdade que há muitos romances objectivamente bons, muitos autores aconselháveis; mesmo aqui não podemos dispensar uma apreciação em cada caso particular dada a subjectividade de cada indivíduo, a sua cultura e de certo modo o meio em que vive.

O romance, na sua feição literária é um dos géneros mais propícios a captar toda a atenção do leitor, veículo excelente para difundir nos espíritos novas ideias de pensamento e acção. São poucos os romancistas que têm da vida uma visão equilibrada, que compreendem a história e sentem a necessidade de ultrapassar o mesquinho viver humano. Os seus heróis ficam geralmente a rastejar pelos lodos da miséria, sem algum raio de esperança. Pintam o mistério do mal, mas o destino das suas personagens é o desespero. Cantam o amor falhado e insatisfeito, esvaziando de sentido o mais belo dos sentimentos humanos. Destroem toda a esperança duma verdadeira felicidade, fazendo do mundo e do homem um absurdo. Porque através das suas páginas esquecem que Deus existe, que o homem tem uma alma e que os seus actos ressoam noutros destinos.

Outros ainda, caem no extremo oposto pondo a felicidade nas palmas das mãos. E desconhecem ou fazem desconhecer essa regra fundamental de tudo o que é humano — que a felicidade não se obtém sem esforço. Podemos notar em todos eles a tendência para mostrar na sua integridade a natureza humana. Nem todos sabem é ver a «miséria do homem sem Deus». Encarar a realidade com vistas cristãs é compreender a verdade humana, reabilitada pela graça. Mas ficar num pessimismo desolador é negar a dignidade do homem e neste sentido as suas obras são sempre humanamente falsas e imorais.

O critério a ter em vista, ao escolher romances para as bibliotecas das nossas paróquias, deve ser muito cuidadoso. Porque mesmo livros bons defendem muitas vezes teses e princípios que não se ajustam ao pensar e viver dos nossos meios populares. A função do livro não é só a de ocupar o tempo, mas principalmente educar e formar; a sua missão falharia se de qualquer maneira provocasse nos espíritos a desorientação.



Apontamos aqui algumas obras que nos parecem úteis e que a biblioteca paroquial muito ganhará em possuir.

NUNO DE MONTEMOR — Bastante preferido da nossa juventude. É dos poucos autores portugueses de ambiente moral sempre de grande elevação.

Semelhantes são as traduções de PIERRE L'ERMITE.

BERTHE BERNAGE — As suas obras são das poucas recomendáveis sem receio às raparigas. Sabe ajustar dentro do ideal cristão os sentimentos, miragens e sonhos dos seus heróis, sem esquecer as suas fragilidades.

No conjunto são recomendáveis as colecções BIBLIOTECA DOS RAPAZES e BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS.

F. FINN — Aventuras ao gosto americano, muito do agrado da juventude — Dentro do seu fim, apostolado por meio da Imprensa, editou já a PIA SOCIEDADE DE S. PAULO, alguns romances atraentes e formativos com o que lucrará muito a juventude portuguesa.

Fazemos votos para que preencha o vazio em que tão boa hora se empenhou, de difundir entre nós obras construtivas.

As Editoriais das MISSÕES DE CUCUJÃES e dos PADRES JESUÍTAS DE BRAGA deram-nos já interessantes colecções de aventuras missionárias, cuja leitura será duplamente proveitosa.

Indicamos agora alguns dos autores preferidos da actualidade que merecem restrições.

ERICO VERÍSSIMO — Moral realista, não faltando nas suas obras cenas de pornografia. Sem ter pròpriamente uma doutrina, sofre de preconceitos socialistas e hedonistas.

FERREIRA DE CASTRO — A moral não o preocupa. É o romancista do proletariado português. Levantou-se como doutrinador do social mas falseou a missão de romancista.

J. PAÇO D'ARCOS — Escolheu para as suas obras um fundo de humano, mas nem sempre conseguiu a verdade total. A descrição da miséria da alta sociedade lisboeta é fria e sem esperança de ascensão.

AQUILINO RIBEIRO — Muito pretendido entre os escritores actuais. Mas se por um lado a sua obra é o celeiro abundante do falar tradicional, por outro é a renegação da moral também tradicional do povo português.

FRANCISCO COSTA — O melhor romancista português da actualidade. Soube entrar no homem e narrar o que lá descobriu. Não é porém romancista para todos, muito menos para as nossas aldeias menos evoluídas.

Em ALVES REDOL, CARLOS DE OLIVEIRA, FERNANDO NAMORA, todos bastante em voga, é de apreciar o interesse pelos meios populares o que aliás não lhes confere digna recomendação. Se não pecam pela banalidade dos temas, ou caem num realismo provocador ou apresentam soluções falhadas.

Há ainda um conjunto de obras de autores estrangeiros que tem conquistado o nosso público.

Referimo-nos sobretudo ao *O Nó de Víboras* do grande romancista católico FRANÇOIS MAURIAC; *O Poder e a Glória* e *O Fim da aventura*, de GRAHAM GREENE; a sugestiva trilogia *Cristina Lawrcansdatter* composta de: *A Coroa, a Esposa, a Cruz*, de SIGRID UNDSET e a essas cortantes e avançadas mas verdadeiras obras sociais de M. VAN DER MEERSCH: *Pescadores de homens* e *Corpos e Almas*, e de VIRGIL GHEORGHIU, *A Vigésima Quinta Hora* e a *Única Saída*.

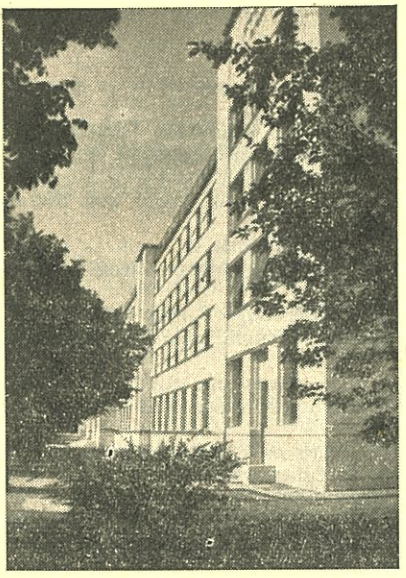
Páginas complexas de psicologia e contrastes vivos e autênticos. Exigem mentalidades cultas, moralmente sadias e idade assente. Não são obras imorais, mas espíritos não preparados e sensibilidades menos sólidas, não compreenderão a sinceridade de tais autores nem a crueza dum humanismo que é cristão.

Ao lado destes e com eles, estão os escritores que têm feito da pessoa do sacerdote o êxito das livrarias e das suas penas.

Destes só as obras de G. GUARESCHI em volta de D. Camilo poderão ser recomendáveis sem grandes receios: *D. Camilo e o seu pequeno mundo, Regresso de D. Camilo, D. Camilo e o seu rebanho.*

JOÃO CANILHO

CRÓNICA

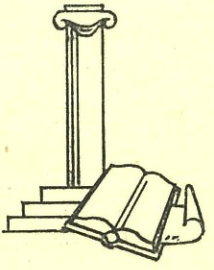


Um dia que não esquecemos

Foi no dia 17 de Fevereiro que Monsenhor Fernando Cento, Núncio Apostólico de Sua Santidade o Papa em Portugal, deu ao Seminário de Cristo-Rei a honra de o visitar. A pessoa veneranda de Sua Excelência Reverendíssima foi recebida com o nosso entusiasmo de jovens e a nossa devoção cristã ao Sumo Pontífice que homenageámos no seu ilustre representante. Ficou inesquecível a admirável simpatia com que Monsenhor Fernando Cento pagou a nossa humilde recepção, e mais inesquecível a palavra entusiasta, que fez imaginar Pio XII, a nós dirigida no fim da breve sessão de boas-vindas. Depois de saudado, nesta sessão, pelo Senhor Cónego Vice-Reitor, que lembrou os invulgares serviços prestados por Sua Excelência à Igreja Católica, e pelo aluno Rev.º Francisco de Jesus Graça, que manifestou a comoção e regozijo que trazia ao nosso Seminário a presença do digno representante do Papa, Monsenhor Fernando Cento visitou demoradamente o edifício louvando a obra do nosso Eminentíssimo Prelado a quem já homenageara nas palavras que nos dirigiu.

Ficámos com a bênção de Sua Excelência Reverendíssima e com a certeza de que as suas visitas se hão-de repetir com frequência. A mesma gratidão o acolherá e, ajudando-nos Deus, nunca hão-de ficar estéreis as suas palavras que tanto engrandeceram a nossa vocação e tanto nos incitaram a mais nos nos entregarmos nas mãos de Cristo.

Semana da Cultura Católica



De 14 a 21 de Fevereiro organizou a Academia de Santo António uma série de palestras ,exposições, audições musicais, etc., etc., transformando a já feliz iniciativa do costumado «Dia da Imprensa Católica» numa outra de maior ousadia e de resultados tão aproveitáveis que, de certeza, será repetida nos anos futuros.

O início da «Semana», com a Santa Missa que o Rev.º Assistente da Academia, P.e Manuel Falcão, celebrou pela Cultura Católica, logo mostrou que os fins dos organizadores iam além de meros interesses documentais.

Na sessão académica do dia 14, Fernando Melro e António Sobral, em trabalho mútuo, falaram de «O Mundo sem Esperança» ou de alguns testemunhos da Literatura contemporânea influenciada e influenciadora duma sociedade onde o desespero ganha aspectos de estado normal do homem. Apontaram-se as obras dos romancistas William Faulkner e Virgil Gheorghiu. Em esboço, houve referências ao pensamento cristão de Gabriel Marcel e aos romances sensacionais de Bermanos.

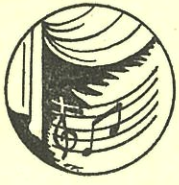
À tarde, foi aberta a Exposição de

Imprensa da Acção Católica. Um arranjo simples mas criterioso dava à Exposição óptimo ambiente. Incontáveis boletins, pequenas revistas, folhas policopiadas, etc., mostravam a já louvável actividade da A. C.

Apenas, no meio de todos aqueles órgãos de pequena expansão, era bem nítido o vazio deixado pela não-existência de um periódico de tal expansão e influência que satisfizesse o que é exigido duma nação totalmente católica.

Ainda na mesma tarde, foi ouvida uma palestra do Eng.º Rogério Martins, Professor-Assistente do I. S. T.. Falou do movimento «Pax-Romana», de que fora Vice-Presidente; historiou-o desde as suas modestas origens, após a primeira Grande-Guerra, até à sua actual influência na intelectualidade e na vida pública de muitos países europeus e americanos; acentuou, dos vários problemas do universitário e do intelectual, o da sua tendência supra-nacional e do seu carácter unitário de mútua cooperação universal que só no Catolicismo encontra a lídima realização.

*
* *



Através da Semana, organizaram-se pequenas exposições de Publicações culturais, Arte Sacra, Cinema, etc.. Foram notáveis a de contraste entre algumas publicações literárias de tendências não católicas e outras católicas de mais acanhada apresentação; e ainda a breve exposição de Arte Sacra, pelas diversas reacções que provocou.

*
* *

— Com notas explicativas de Miguel Ponces, foram ouvidas duas sessões musicais de Stravinsky e Bela Bartok. É, também, merecedora de referência a exposição de pintura em que alguns alunos mostraram numerosas obras de variados gostos artísticos. Levaram o apreço da maioria as bem trabalhadas caricaturas de Asdrúbal Teles.

Expuseram-se, ao todo, 52 obras, havendo-as de apurado academismo, como as de António Baptista, até aos dois Crucifixos de João de Almeida.

*
* *

No dia 21, pela manhã, a Secção Académica de Filosofia organizou uma sessão onde Cláudio Marques Teixeira falou do «Conceito cristão e marxista do trabalho».

À tarde, João Medeiros de Almeida explanou os rectos princípios da Moderna Arte Sacra e o sentido verdadeiro da Arquitectura Religiosa, que deverá brotar das bem-aventuranças evangélicas num manifesto de Verdade, Pureza, Pobreza e Paz.

*
* *

Mons. Avelino Gonçalves encerrou, enfim, a «Semana da Cultura Católica» fazendo, à noite, uma conferência sobre a imprensa periódica, a sua importância na formação da opinião pública e, em consequência, sobre as suas responsabilidades sociais.

«A imprensa — disse o ilustre Director das «Novidades» — é arma que pode ser de ataque à verdade ou de sua defesa. Todo o apostolado perde seu efeito prático sem o apoio de uma imprensa católica de valor e expansão. Daí, a responsabilidade do católico perante a imprensa». O Senhor Vice-Reitor felicitou o ilustre conferente, agradecendo-lhe todos os seus ensinamentos.

*
* *

Desta óptima iniciativa da Academia há que dizer-se quantos bons resultados trouxe numa correspondência às actuais necessidades da formação sacerdotal e às directrizes pontifícias. Disse Pio XII: — «Jamais aconteça permanecerem mortas ou, por má orientação, deixarem de corresponder às necessidades dos fiéis todas aquelas formas de apostolado que são hoje tão oportunas, sobretudo naquelas regiões em que o clero

não é suficientemente numeroso» — (Menti Nostrae).

Com estes breves estudos sobre a Imprensa ,a Arte, o Cinema, etc., a Academia cumpriu.

Um só pastor



Entre as Festas da Cadeira de São Pedro em Roma e da Conversão de São Paulo, recordámos, unidos a toda a Santa Igreja, os nossos irmãos extraviados do Redil de Pedro.

Por convite do Círculo Missionário de S. João de Brito, e a encerrar a «Semana pela Unidade», falou-nos o Rev.º Padre Frei João de Oliveira, O. P., sobre o anglicanismo e o tão desejado retorno da Nação Britânica à Igreja Católica.

Sua Reverência, que possui vasto conhecimento da Inglaterra, deu-nos excelente lição apologética dum Catolicismo vigoroso frente a frente com um Anglicanismo desacreditado.

Um problema actual

Não era plausível que a formação do sacerdote fosse, apenas, restringida à sua formação individual. O Padre existe em ordem à comunidade cristã; para ela há-de formar-se, atento aos seus problemas. Um dos que, actualmente, tanto se fala, é o da vocação laica à perfeição cristã. O movimento católico mais impressionante dos últimos tempos está na integração, sempre mais activa, dos leigos na vida da Igreja. Surgiu a Acção Católica; e estudam-se, a sério, os princípios de uma espiritualidade laica que satisfaça a ânsia de santidade, e corresponda à sua posição social, de muitos leigos cristãos.

Foram-nos dadas, pela Academia, duas óptimas ocasiões de melhor nos informarmos do assunto.

Assim, na primeira sessão do período corrente, falou-nos o Dr. António Narino e Silva acerca dos «Princípios de uma espiritualidade laica». Da orientação cristocêntrica da vida à presença do cristão na sociedade civil; da noção eclesiológica de santidade — «o católico sòzinho é um conceito anti-católico» — às exigências que o levam a cooperar na solução dos problemas dum mundo cheio de confusão e contrastes; dos aspectos ascéticos da espiritualidade laica às suas referências com as responsabilidades sociais, políticas, etc., o Dr. Narino e Silva deu-nos um testemunho baseado na sua convicção cristã e na sua experiência social.

*
* *

A 7 de Fevereiro, o Rev.º Dr. Francisco Xavier de Ayala veio falar-nos dos «Institutos Seculares», referindo-se aos seus variados aspectos ascéticos, jurídicos e históricos.

«Os Institutos Seculares — disse-nos — nem representam a última etapa da evolução dos Estados Regulares, nem muito menos são a secularização dos religiosos». Correspondem a uma necessidade actual de almas que desejam a perfeição por caminhos que, sem as afastar das suas missões sociais, as coloquem num estado canónico de vida onde seja mais plena a sua entrega a Cristo e totalmente apostólicos os seus actos.

O Rev.º Dr. Ayala explicou, ainda, vários pormenores e a importância dos «Institutos Seculares» para o clero diocesano. O Senhor Vice-Reitor, a encerrar a sessão, agradeceu ao Rev.º Dr. Ayala a suas luminosas considerações.

F. MELRO

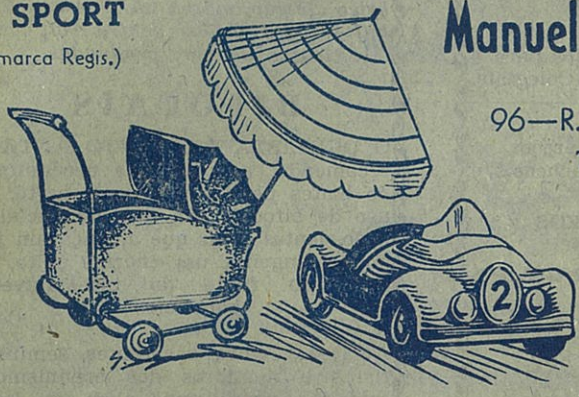
Oliveira & Vieira, L.DA

ESTOFADORES - DECORADORES

MÓVEIS ESTOFADOS EM TODOS OS ESTILOS E MODELOS
DECORAÇÕES EM TODOS OS GÉNEROS

Av. D. Carlos I, 140 — Telef 61864 — LISBOA

SPORT
(marca Regis.)



Manuel José Soares

96—R. Coelho Neto—98
Telefone 51676

PORTO

Fabricante de automóveis, triciclos, carros e cadeiras para crianças

Nos Bazares prefira sempre a marca **'SPORT'**.

Especialidade em toldos, guarda-sois, ferragens e panos em todos os modelos para estabelecimentos



SOCIEDADE INDUSTRIAL
METALURGICA
S. A. R. L.
SERRALHARIAS
Rua de S Tiago, 13 LISBOA

S. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

SOCIEDADE EDITORA
ALA ESQUERDA LDA.
Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas
Trabalhos Tipográficos em todos os géneros
Telefone. 268 BEJA—Apartado 25
(Oficinas Gráficas da Diocese)



OCULISTA DAS PORTAS DE S. ANTÃO
OFICINA PRÓPRIA — MAXIMOS DESCONTOS — ASSISTÊNCIA TECNICA GRATUITA — APARELHOS CONTRA A SURDEZ (Demonstrações no domicílio sem compromisso de compra)
Consulte-nos para descontos especiais: em lentes de 1.ª qualidade, fabrico alemão, marca «Aktien-Gesellshaft), para óculos contra sol, com lentes de cor, graduadas.
BIFOCAIS
O OCULISTA DE SANTO ANTÃO recomenda, a todos que necessitem de lentes para ver longe e perto, o uso de bifocais, em que é especializado, lentes estas que alcançaram já no estrangeiro, um enorme êxito, e que são fonte de incalculáveis benefícios
Ao Rev.mo clero, sacerdotes, seminaristas e membros dos organismos católicos, concedemos além do desconto normal de 30 %, um desconto especial. O OCULISTA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO deve ser consultado em último lugar para confronto de preços e qualidade
Rua Eugénio dos Santos, 9-2.º (ao Rossio) — Telefone 2 3797

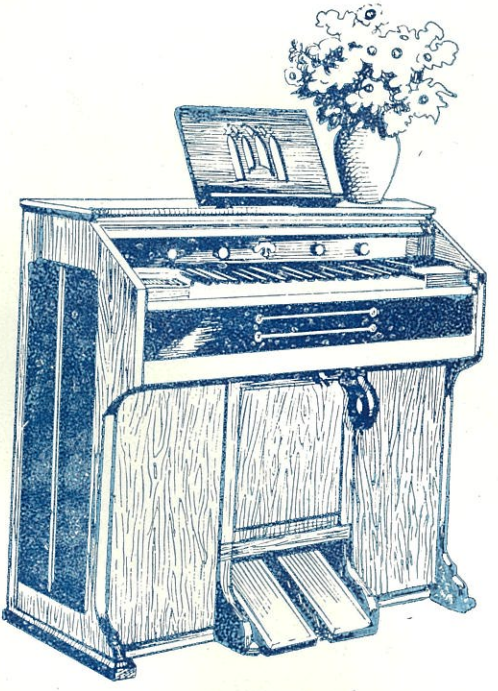
JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA
A casa mais antiga do País no seu género
(FUNDADA EM 1832)
RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 RUA DO OURO, 166 a 170
Lustres Lanternas — Placas - Castiçais — Lâmpadas - Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha
INSTALAÇÕES
SANITÁRIAS AQUECIMENTO ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO CENTRAL CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RÁIOS VENTILAÇÃO TELEFONES
ASCENSORES
TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

ORGÃOS

DE TUBOS E ELÉCTRICOS
PARA IGREJAS

HARMONIUNS

ALEMÃES E FRANCESES



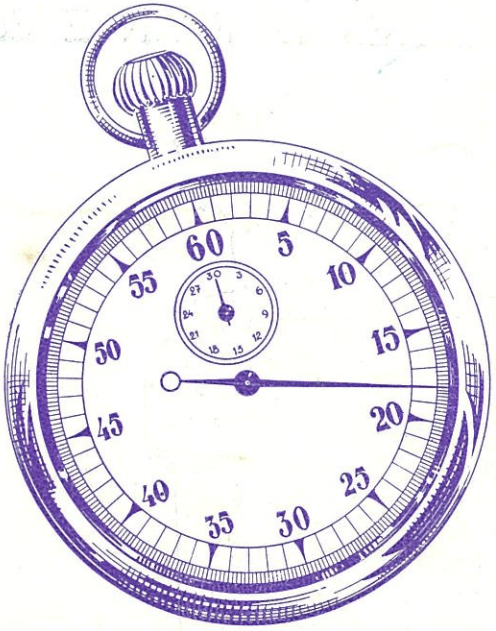
ESTABELECIMENTOS

Valentim de Carvalho L.da

95 - Rua Nova do Almada - 95

TOSSE ?

DESAPARECE RÀPIDAMENTE





COM

BENZO-DIACOL